

A batalha de Ourique foi perto de Leiria?

*José d'Encarnação**

Ourique – O Lugar Controverso
Jorge de Alarcão
(Livraria Figueirinhas
Porto, 2015)



O Professor Jorge de Alarcão acaba de publicar um ensaio de 80 páginas (Livraria Figueirinhas – Porto, 2015), intitulado *Ourique – O Lugar Controverso*, em que retoma o assunto da batalha de Ourique. Foi seu objectivo, «mostrar, contra a tendência maioritária, que talvez a batalha se não tenha travado no Baixo Alentejo», considerando que, tendo em conta «a situação político-militar de cristãos e muçulmanos em 1139», lhe parece «mais verosímil» que o cenário do recontro se deva localizar «na região de Leiria» (p. 66).

Poderá, à primeira vista, parecer estranho que um arqueólogo, reconhecido, por exemplo, pela investigação levada a cabo na cidade de *Conimbriga* e na *villa* romana de São Cucufate e pelas sínteses acerca do chamado «Portugal romano», se debruce agora sobre um tema da História de Portugal medieval. Tal atitude revela uma tendência que não é, afinal, invulgar; ou até poderá afirmar-se que é mais vulgar do que se pensa, pois raro será o investigador que, depois de haver passado tempo a estudar uma época ou um tema, se não sinta atraído por outras áreas, afins ou não. No caso vertente, se não poderemos asseverar tratar-se de um 'regresso às origens', uma vez

* Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, jubilado.

que a dissertação de licenciatura de Jorge Alarcão se intitulou *A Propriedade Rural do Mosteiro de Grijó em Meados do Século XIV e a Sua Administração* (1958), certo é que os temas medievais o seduziram de novo – ou desde sempre constituíram sedução... – pois que, dos seus mais recentes livros, se poderão citar *As Pontes de Coimbra que se Afogaram no Rio* (Coimbra, 2012) ou *A Beira Baixa. Terra tomada sem guerra* (Coimbra, 2013) ou, ainda, *Casas e Famílias Antigas do Espinhal*, apresentado na Casa de Cultura desta freguesia do concelho de Penela, a 20 de Junho de 2015.

Revela-se aqui, de novo, o investigador que ultimamente se tem caracterizado, a meu ver, por dois aspectos, para além, obviamente, do rigor com que procura envolver o que escreve: a qualidade formal dos seus escritos e a sua tónica problematizante.

À qualidade formal dos seus escritos já tive ocasião de me referir quando analisei, por exemplo, o livro sobre a citada *villa* romana de São Cucufate e um outro sobre *Conimbriga*.¹ Esse aspecto também se verifica neste ensaio, de que recorto duas passagens:

«Na licença do Paço que aprovou a *Relaçam* diz-se que o aparecimento de Cristo é “hum dos pontos mais certos, e infalíveis da nossa Historia”. A batalha de Ourique é um dos pontos mais incertos e falíveis da História de Portugal» (p. 7).

E logo na página seguinte (p. 8), cita-se o autor da *Crónica de Portugal de 1419*, que afirma ser necessário estudar melhor o que se escreveu acerca do local da batalha «*ataa que seja sabido ho certo sem conradyção que se possa poer*», ao que o Autor contrapõe:

«Se vamos aqui sustentar que há argumentos fortes contra a localização da batalha no Baixo Alentejo e restaurar (ou retomar) a hipótese de o combate se ter travado no Campo de Ourique perto de Leiria, não concluiremos que este último é o local *exacto sem conradyção que se possa pôr*».

Jogos de palavras, dir-se-á; contudo, ao longo dos textos que Jorge de Alarcão vem publicando, essa tónica de bem escrever não sofre deslustre.

A última frase transcrita leva-me, naturalmente, à segunda característica que queria apontar: a apresentação das questões em termos de dúvida. Se, como tenho escrito, sou de opinião de que, mais do que resolver um problema, o importante é tornar consciente a sua existência e depois logo se

¹ «A *villa* de S. Cucufate já tem roteiro para visita», *Diário do Alentejo*, Beja, 11.09.1998, p. 25; «Jorge de Alarcão, *Conimbriga – O Chão Escutado*», *Al-madan*, 9 (Outubro 2000), p. 188-189.

verá,² Jorge de Alarcão assume essa atitude como fundamental, polvilhando os seus escritos de hipóteses sobre hipóteses, amiúde não chegando a optar claramente por uma, tantas são, na realidade, as condicionantes que se lhe põem para cabal esclarecimento do que ocorreu. Isso se passa no livro sobre a Beira, isso se manifesta nas notas que tem estado a publicar na *Revista Portuguesa de Arqueologia*, de tal modo que, a dada altura, se sentiu na necessidade de esclarecer, acerca das revisões (mormente de monumentos epigráficos romanos) a que meteu ombros e da utilidade de se formularem hipóteses, atitude metodológica que – repito – não pode deixar de me merecer inteiro apoio:

«Se acaso uma proposta de interpretação alternativa não reúne consenso ou é mesmo, com válidos argumentos, rejeitada, a demonstração, por outros, de que tomei o caminho errado e de que o caminho anterior era, afinal, o correcto é já um progresso na via da indagação histórica».³

Não devemos, pois, admirar-nos se é por esse caminho que vai Jorge de Alarcão.

Depois da referida afirmação inicial, de que a batalha de Ourique constitui «um dos pontos mais incertos e falíveis da História de Portugal», explicita que tal incerteza se situa não no que concerne à lenda do aparecimento de Cristo a el-rei Afonso – hoje naturalmente não aceite, porque forjada no clima de enaltecimento da independência do País, baseada no apoio divino – mas a três outros pontos: o local do recontro, o significado da expressão «cinco reis mouros» e, também, a dimensão dos exércitos que terão estado frente a frente.

Ainda que confessando-se «mais um de menos confiança como historiador» (p. 9) no rol dos que têm abordado o tema, analisa o Autor, um a um, os testemunhos que se têm aduzido para resolver as questões em apreço; contudo, na medida em que o realce dado à força adversária facilmente se pode interpretar em contexto encomiástico e, por conseguinte, sem relevante interesse histórico, já o que se refere ao local tem maiores implicações, mormente no capítulo do que hoje poderíamos designar de 'memória' ou 'património' histórico. Uma terra não deixa que lhe roubem, assim sem mais nem menos,

² Segundo Sir Fred Houyle, o grande opositor da teoria do «Big Bang» (expressão que ele próprio, aliás, popularizou), citado por John Gribbin em *Génesis – A Origem do Homem e do Universo*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1988, p. 14, nota 1, «as respostas não são importantes, as perguntas é que o são»!

³ ALARCÃO, Jorge, «Notas de Arqueologia, epigrafia e toponímia – III», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8/2, (2005), p. 293.

a possibilidade de ter sido palco de um facto memorável e, por isso, há que esgrimir argumentos a seu favor!...

São, pois, miudamente analisados documentos, nomeadamente de ordem monástica – de que se apresenta a versão original, em Latim, e a tradução (no que teve apoio do Doutor António M. Rebelo) – e problematizadas as hipóteses.

Pergunta-se, desde logo, se, sendo claro que «a definição da batalha como momento fundacional da nacionalidade portuguesa se deve atribuir aos inícios da dinastia de Avis» (p. 19), «terá existido, do século XII ao XIV, uma tradição oral ininterrupta que situaria a batalha no concelho alentejano de Ourique» e se terá sido, por conseguinte, dessa tradição que haverá eco nas crónicas dos séculos XIV e XV (p. 18). Alguma canção de gesta celebraria o combate? (p. 21).

Certo é que «a vila alentejana de Ourique» poderia ter sido, no século XIV, «o mais conhecido dos lugares portugueses com esse nome», até porque el-rei D. Dinis aí instituíra feira em 1288 e lhe dera foral em 1290 (p. 22). Contudo, é também por essa altura que toda a zona era pertença da Ordem de Santiago e não será despidendo pensar que os freires possam «ter sustentado que o prélio se tinha travado nesse campo de Ourique que era seu», pois que «tal localização acrescentaria os méritos ou o prestígio da Ordem, tanto mais que a batalha se havia travado em dia do padroeiro», 25 de Julho (de 1139) (p. 32).

A partir da p. 36 esgrime o Autor os argumentos que o levam a pensar ser Campo de Ourique, perto de Leiria, localização «muito ponderável», afastando-se Chão de Ourique (Penela), Vila Chã de Ourique (Cartaxo) e até Campo de Ourique, hoje um bairro urbano de Lisboa.

Um primeiro argumento contra Ourique do Alentejo pertence ao domínio arqueológico, digamos assim: que estradas é que el-rei Afonso I poderia ter seguido, mormente se tivesse ido de Coimbra por Tomar? «As vias que então existiam seriam ainda as romanas» (p. 43) e não há vestígio de nenhuma que pudesse ter servido esse intento, além de que se há-de pensar também que um exército carecia de abastecimento e não há notícia de ser, ao tempo, essa região mui povoada (p. 45). E não deveria ter existido menção expressa à travessia do Tejo?

Dir-se-á, ainda, que «tendo em vista as posições de cristãos e muçulmanos por volta de 1135-1137 [...], fossados cristãos à região de Tomar e a terras a sul de Leiria podiam ser considerados ataques a terras sarracenas» (p. 49). Ou seja, não era preciso ir mais longe para combater o inimigo!...

Ora, tendo em conta que a cidade de Leiria fora reconquistada pelos Muçulmanos em 1137 (p. 53), não parece despropositado que el-rei, regressado de Cerneja nesse mesmo ano, tenha de imediato encarado a hipótese de vingar essa tomada e pode, por isso, encarar-se a batalha como «um episódio da reconquista de Leiria» (p. 60), tanto mais que há notícia do achamento, em Campo de Ourique, «por volta de 1870, de numerosos esqueletos de indivíduos que teriam sido enterrados verticalmente» (p. 60), mesmo que sem armas (de que os Cristãos, como é óbvio, se teriam previamente apoderado...). É, de novo, a Arqueologia a dar uma mãozinha à argumentação!...

Os argumentos aduzidos, ainda que não 'decisivos', como o próprio Autor concede, devem doravante ser tidos em consideração, ou seja, «a hipótese de a batalha de Ourique se ter travado perto de Leiria é pelo menos tão verosímil quanto a de o prélio ter tido lugar no Baixo Alentejo. Talvez seja mesmo mais verosímil» (p. 64).

A relevância dada à vitória poderá ter justificação no facto de, assim, Coimbra ter ficado mais imune aos ataques mouros e, daí, a assunção, por parte de Afonso, do título de rei, regressado a Coimbra e ovacionado após a refrega. É natural, no entanto, que, embora esta vitória possa ter sido mais tarde «mitificada» (p. 64), a população não haja tido de imediato uma percepção exacta do seu significado futuro, até porque, por outro lado, no quadro da historiografia alcobacense, seria «bem mais gloriosa para o rei seu protector» uma vitória obtida lá mais para sul, em terras infiéis (p. 67).

Este ensaio vale, pois, de modo especial, pela reanálise da documentação em presença, em que se lança mão de todos os dados ora disponíveis, inclusive – é um exemplo, como se frisou – o dos caminhos que, na época, os exércitos poderiam ter palmilhado, com base no que se sabe, mormente da rede viária medieval, decalcada, em muitos locais, da rede viária traçada pelos Romanos. E traz, no final, exaustiva bibliografia.

«Tantos argumentos que apresentámos não conduzem a segura conclusão mas apenas reforçam dúvidas: ainda está por vir uma definitiva prova que nos permita uma certeza quanto ao local da batalha», escreve Jorge de Alarcão, a concluir (p. 67). Contudo, o facto de se haver disponibilizado a rever, densamente, a documentação e a complementá-la com novos dados merece o maior encómio. 🙌